



- Especial Roberto Carlos – Noite Feliz é exibido na Globo nesta terça, após a novela Três Graças
- Na quarta, a série Made in Korea estreia na Disney+
- Na quinta, o volume 2 da última temporada de Stranger things chega ao catálogo da Netflix



## Liga

Embora com alguns furos de roteiro (bem menos impactantes que os da reta final da antecessora, Vale tudo), a sequência do assalto (ou expropriação) da estátua Três Graças, a novela das 21h ganha um novo fôlego e consolida-se como o típico novelão que o público brasileiro gosta de assistir: ágil, dramática, cômica, envolvente e sem tanto compromisso com a realidade – mas com a coerência que até a ficção pede.



## Desliga

Mais uma edição de A fazenda chegou ao fim na semana passada superando uma marca que parecia impossível até para o próprio reality: o de temporada mais baixo nível, com o recorde de quatro expulsões. A última delas, inclusive, conseguir ser consequência de uma agressão ao vivo, diante dos olhares estarrecidos do público e da apresentadora, Adriane Galisteu.

Divulgação/Globo



**Debora Ozório, Jade Picon e Daniel Rangel estrelam primeira novela vertical da Globo**

Max



**Beleza fatal: "novelaõ" do streaming fez tanto sucesso que ganhou especial e continuação**

## Um novo jeito de se consumir novela

Em um ano marcado por disputas de linguagem e pela redefinição do que entendemos como teledramaturgia no Brasil, Beleza fatal, da HBO, despontou como um ponto de virada incontornável. O sucesso estrondoso da novela original escrita de 40 capítulos por Raphael Montes (de Bom dia, Verônica) e dirigida por Maria de Médicis não se explica apenas pelos números expressivos ou pelo engajamento nas redes, mas pelo modo como ela inaugurou um novo jeito de narrar: mais ágil, esteticamente ousado, conectado à cultura digital e, sobretudo, atento a um público jovem que já não se reconhecia nos códigos tradicionais do folhetim.

Ao dialogar com a lógica da internet – ritmo acelerado, viradas frequentes, personagens pensados para circular em memes e cortes virais –, a produção protagonizada por Camila Pitanga (magistral como a vilã pop Lola) mostrou que a novela ainda pode ser cool, pulsante e contemporânea. E esse movimento não aconteceu isoladamente. Ao longo do ano, outros projetos de teledramaturgia passaram a flertar com estruturas híbridas, incorporando elementos do streaming, da série curta e até do videoclipe.

Temas mais urbanos, conflitos atravessados por questões identitárias e uma aposta maior em anti-heróis e narrativas menos maniqueístas – como é possível verificar na atual ocupante da faixa nobre da TV Globo, Três Graças – evidenciam um esforço claro de atualização do gênero. A televisão aberta, historicamente acusada de conservadorismo

estético, deu sinais de que compreendeu a urgência de dialogar com um espectador fragmentado, multitelha e cada vez mais exigente.

No entanto, se Beleza fatal redefiniu a novela tradicional, foi o fenômeno das novelas verticais que escancarou a força criativa que nasce fora dos grandes estúdios. Pensadas para o consumo rápido no celular, com episódios curtíssimos e enquadramentos adaptados ao formato vertical, essas produções explodiram na internet ao compreender algo essencial: a dramaturgia também precisa caber no tempo e no gesto do scroll. O sucesso foi tamanho que deixou de ser tratado como curiosidade passageira e passou a ser visto como tendência de mercado.

Não por acaso, o boom das novelas verticais levou a Globo a investir de forma mais direta no produto digital, reconhecendo que o futuro da teledramaturgia passa, inevitavelmente, pela multiplicação de formatos e plataformas. Somente nas últimas duas semanas, a emissora lançou Tudo por uma segunda chance e Cinderela e o segredo do pobre milionário, estreladas, respectivamente, por Jade Picon e Gustavo Miotto, dois nomes bem conhecidos do público on-line. E anunciou outras em produção.

Assim, o ano termina com uma constatação clara: a novela não morreu, mas se transformou. E, ao que tudo indica, seguirá se reinventando – ora ocupando o horário nobre, ora a tela do celular – para continuar sendo espelho, provocação e espetáculo no imaginário brasileiro.